

# Educação Musical na visão de uma Especialista

por Valéria Forte e Vanessa Coelho

Violeta Hemsy de Gainza é uma unanimidade no meio educacional. Há quase 50 anos a musicista argentina contribui para o aprimoramento do ensino de Música em toda a América Latina, priorizando o estímulo à criatividade e atenção especial às particularidades de cada estudante. Seus estudos de Pedagogia contribuíram para a transformação das relações dentro das salas de aula através da ênfase na interação entre professor e aprendiz, ocupando o espaço do modelo tradicional no qual o docente se limitava a passar o conteúdo sistematicamente e o estudo prático era limitado à repetição exaustiva de obras clássicas. Sua obra inclui mais de 40 títulos dedicados ao estudo de Música em geral, prática de instrumentos como piano e violão, e improvisação e já foi traduzida para idiomas como inglês, alemão e francês. É membro honorário do ISME (International Society for Music Education) e edita o anuário dessa instituição. Já foi presidente e atualmente é membro consultor da Associação Argentina de Musicoterapia e também é presidente honorária do FLADEM (Fórum Latino Americano de Educação Musical).

A **Revista No Tom** conversou com Violeta, que tem ministrado cursos, seminários e conferências em seu país e ao redor do mundo e em agosto será uma das palestrantes do **5º Encontro Nacional de Escolas de Música**, a ser realizado em São Paulo. Confiram o resultado!



Violeta Gainza

## A senhora é formada em Química também, como aconteceu seu envolvimento com a Educação Musical?

Tive uma formação universitária paralela em Química e Música. Iniciei meus estudos musicais aos seis anos no Conservatório de Música de Tucumán, Argentina, e depois prossegui no Instituto Superior de Artes da Universidade Nacional de Tucumán, com excelentes professores europeus exilados da Primeira Guerra Mundial. A Música sempre fez parte da minha vida, mas nunca havia pensando em me dedicar profissionalmente a ela. Quando terminei o ensino médio, meus testes vocacionais invariavelmente

apontavam para ciências como a Matemática, mas logo optei pela Química por acreditar que essa opção me ofereceria melhores possibilidades de trabalho para ajudar minha família, imigrantes chegados ao país após a Primeira Guerra Mundial, em plena crise dos anos 30. Finalizei, quase ao mesmo tempo, o estudo superior de Música e Química e comecei a trabalhar como professora e assistente em uma e outra área, respectivamente. Só pude decidir pela dedicação exclusiva à Música após me formar pelo Instituto de Educación Internacional (IIE), para me especializar em Educação Musical durante um ano na Universidade de Columbia, nos EUA.

**Em seu livro “Estudos de Psicopedagogia Musical”, há um capítulo inteiro sobre Educação Musical Especial, citando a importância do trabalho conjunto de músicos com educadores, terapeutas ocupacionais etc. No Brasil, muitos projetos sociais envolvendo músicos começam da forma mais precária possível. Qual seria o melhor caminho para que essas pessoas oferecessem uma boa estrutura a alunos carentes ou portadores de necessidades especiais diante da falta de recursos financeiros?**

Hoje em dia a Educação Musical Especial e a Musicoterapia constituem opções concretas para a formação de especialistas nas áreas de Educação e Saúde. À margem das opções acadêmicas, tanto o trabalho pedagógico como as obras de caráter social, começam em nossos países de maneiras precárias, artesanais, a partir de necessidades concretas que aparecem no meio cultural e social e estimulam a vocação musical e de trabalho de muitos professores. É um assunto complexo que pede, em primeiro plano, uma dose básica de informação à respeito dos recursos disponíveis que existem atualmente em nossos países. De qualquer maneira, a questão financeira não é significativa nas etapas iniciais e sim nas um pouco mais avançadas em qualquer projeto deste tipo.

**A Música voltará ao currículo da educação básica brasileira dentro de dois anos. Não será exigida a formação superior ou técnica dos professores. O que você acha dessa medida?**

Especificamente no Brasil, dado o longo tempo em que a Música desapareceu do currículo e se pretendeu que ela fosse ensinada “globalmente” por professores de artes, se formou, entre os professores de Música, maior consciência à respeito da necessidade de uma formação especializada, mesmo que esta seja de caráter básico, para que tenham sob sua responsabilidade o ensino da Música em nível escolar. Estamos certos de que essa nova oportunidade que chega à escola brasileira deve afastar as eventuais “improvisações” em um campo que requer não apenas a sensibilidade dos professores, mas também lucidez e inteligência. O desafio da volta da Música no currículo escolar é muito estimulante não apenas para os profissionais que exercem esta função, mas para seus beneficiários diretos, aqueles que estão estudando. Pela relevância cultural da Música

como linguagem e criação humana e, ao mesmo tempo, por seu caráter universal como elemento formador do ser humano, as crianças e jovens de todo mundo têm o direito de receber uma Educação Musical de acordo com suas necessidades e expectativas. Para isso, é imprescindível dar aos docentes de Música, que protagonizarão esta esperada reforma, uma preparação musical e pedagógica atualizada e de qualidade.



**Como é a Educação Musical na Argentina? Qual papel a Música desempenha para a sociedade do país?**

A Argentina é um país com uma tradição pedagógica importante. Isso significa que ao longo do século XX aconteceram importantes avanços no campo educacional e também na área musical. A Música foi tradicionalmente, e continua sendo, matéria obrigatória no currículo das escolas primárias. Por várias décadas, na segunda metade do século, mesmo durante as conhecidas circunstâncias sócio-políticas, o sistema educacional, seguramente por “negligência”, se mostrou permeável às importantes influências de novas pedagogias musicais (Willems, Martenot, Orff, Kodaly, Suzuki, Schafer, etc) que chegaram aqui a partir da década de 50. O panorama pedagógico atual reflete a crise generalizada do modelo neoliberal vigente desde os anos 90. Na educação popular, assim como na saúde, alimentação e trabalho, cresceu nitidamente o espaço entre os altos e baixos que se observam em nossa sociedade. Nossa educação, no momento, é desnivelada, sem continuidade e em termos gerais, desatualizada principalmente no nível superior e de profissionalização.

**Nas Escolas Livres, que compõem a maior parte de nossos leitores, os professores não costumam ter formação acadêmica em Música. Isso atrapalha na hora de ensinar?**

Uma educação acadêmica só é válida e imprescindível quando é boa. Caso contrário, o "academicismo" pode até ser inconveniente. Contudo, não quero dizer de forma alguma que o fato de os professores não possuírem uma formação é uma coisa positiva. Ter uma formação sólida, para toda a vida, que integre a prática musical com um conhecimento profundo da linguagem sonora deveria ser um requisito básico tanto para os professores como para os alunos em todos os níveis de ensino.

**Ainda falando de Escolas Livres, a maior parte delas tem muito enfoque na parte prática, oferecendo quase ou nenhuma teoria aos alunos. Qual sua opinião sobre isso? Seria possível equilibrar as partes teóricas e práticas em Escolas Livres, onde a pressão pelos resultados rápidos é maior?**

Insisto na integração entre teoria e prática em qualquer tipo de aprendizagem musical. No século XIX, devido ao precário conhecimento sobre o comportamento humano, o Ensino Musical era predominantemente teórico. Como consequência do impressionante progresso ocorrido no campo da Psicologia e suas diferentes especializações (psicologia profunda, evolutiva, da aprendizagem, social), houve uma revolução do ponto de vista educacional. A ênfase que anteriormente era dada ao objeto de estudo (a teoria musical, no caso) e o aluno, suas características e necessidades, era desprezada. As novas Pedagogias do século XX privilegiaram a prática, talvez por ter sido eminentemente pragmático, e não adentraram no território da Educação Musical superior, como era desejável (de maneira geral, as universidades e conservatórios mantiveram-se à margem dessas importantes reformas).

Hoje em dia existe um consenso sobre a necessidade de que prática e teoria, estreitamente integradas, se complementem mutuamente. Aliás, devemos considerar que esta é a característica fundamental da Pedagogia que almejamos conquistar. Como em qualquer atividade, a arte se aprende fazendo e tendo plena consciência do

que se está fazendo. A interação que cada estudante deveria ter em seu próprio processo de formação não somente remete às ações físicas que se realizam durante um determinado processo de aprendizado (sensomotricidade), como também à consciência mental, à cognição, que acompanha todas essas ações. A participação consciente do estudante (não necessariamente o acadêmico) no contexto que ele mesmo faz ou produz lhe permite, natural e gradualmente, reforçar os conceitos e aprofundar os aspectos "teóricos" (generalização, abstração etc) de sua atividade.

Essa participação da consciência mental não retarda os processos de aprendizagem, pelo contrário, os acelera e potencializa. Ao longo de sua formação profissional o docente, de todos os níveis, deveria especializar-se em técnicas existentes para permitir a sua integração e a de seus alunos.

**Há algum tipo de fator que um bom instrumentista teria na hora de ensinar em relação a quem tem formação acadêmica?**

Na era da informática, seria lógico pretender que os processos de aprendizagem nas diversas áreas de conhecimento fossem acessíveis e diretas. Se o instrumentista tem consciência do que ele mesmo faz com seu instrumento, como proceder para produzir os sons, para escutar, para ler ou projetar sua música aos eventuais ouvintes, ao encontrar-se frente a alunos que chegam com uma formação acadêmica mais ou menos sólida poderiam ocorrer diferentes possibilidades: se a formação dos estudantes é apenas de caráter teórico poderão enriquecer-se com uma prática inteligente; se na troca os estudantes possuem conhecimentos adequadamente estruturados e integrados às práticas musicais que realizam, seria o professor o beneficiado pelo intercâmbio... Entretanto, não é demais dizer que não é nada positivo que um professor se encontre nesta difícil e lamentável situação.



## Como um professor pode buscar capacitação para tornar-se mais atento às dificuldades dos alunos?

Nas diferentes áreas da Educação Musical oferecidas por instituições de ensino dos nossos países, um dos aspectos mais importantes da grade curricular é justamente a capacitação dos futuros profissionais, não apenas do ponto de vista pedagógico como também musical. Este último implica na revisão dos processos de musicalização pelos quais os estudantes passam, com o objetivo de completar e aprofundar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, estreitar sua relação com a Música.

Atualmente, temos visto artificialmente aprofundada a polarização entre a prática e a teoria, entre o popular e o erudito, o músico amador e profissional. A globalização educativa-musical tem colocado o destaque, durante as últimas décadas, no critério de eficiência da preparação profissional, que estereotipadamente desembocou num crescente academicismo, cujos enfoques teóricos, de caráter mecânico e quantitativo, alejam perigosamente professores e estudantes de uma reflexão verdadeira e profunda sobre a realidade e a prática musical.



## A modo de síntesis

por Violeta Hemsy de Gainza

Quando a teoria não está unida ou relacionada com a prática é uma falsa teoria. Um critério básico, essencial, para determinar se alguém é ou não um músico deveria ser a habilidade de “fazer Música” (tocar, cantar, compor, escutar com entendimento, reger...), do mesmo modo que se considera alguém fluente em uma língua alguém que fala e se comunica através dela.

Os idiomas, as profissões, as artes, se aprendem ou se adquirem através da prática, que deve sempre ser associada a um conjunto de técnicas, exercícios e conhecimentos que asseguram sentido.

A capacidade de ler e escrever, seja na Música ou num idioma, não é necessária ou determinante em relação à mesma atividade que não remete ao essencial ou específico e sim aos seus atributos, ao grau de qualidade e profundidade do trato da mesma. Quem fala ou escreve o idioma, além de “falante” é alfabetizado, o que sabe ler e escrever Música é um músico culto ou erudito.

O próximo passo que nossa Educação Musical necessita e espera tem a ver com a urgente reintegração do fazer com o pensar, da prática com a teoria, para promover e assegurar processos de ensino-aprendizagem verdadeiramente participativos, quero dizer de caráter criativo e ao mesmo tempo consciente.